



As drogas não respeitam fronteiras:
são vendidas em quase todos
os países do mundo

UM NOVO PODER TRANSNACIONAL

As máfias que controlam o tráfico de estupefacientes constituem uma empresa ilegal mais poderosa do ponto de vista econômico que alguns países da América Latina e as fortunas pessoais de alguns "barões" da droga superam o Produto Nacional Bruto das seis repúblicas africanas mais pobres

Roberto Bardini

Na década de 80, traficantes bolivianos e colombianos se ofereceram para pagar a dívida externa de seus respectivos países em troca da sua própria impunidade. A dívida da Bolívia era de 4 bilhões de dólares e a da Colômbia, de 11 bilhões de dólares. O fato - que parece extraído da rica tradição do realismo mágico latino-americano - dá uma vaga idéia dos poderosos recursos das máfias da droga. Se fossem empresas legais, quaisquer dos mais importantes cartéis internacionais poderia constar da lista das 50 maiores corporações comerciais do mundo. Alguns deles constituem transnacionais mais fortes que firmas como a Xerox e a IBM e o volume de dinheiro que manipulam ultrapassa a soma do Produto Nacional Bruto (PNB) dos seis países africanos mais pobres. Segundo dados da Organização das Nações Unidas e de organismos

econômicos, o volume total dos seus negócios chega a 500 bilhões de dólares por ano, o que equivale a um sétimo do comércio mundial ou ao dinheiro desembolsado anualmente por todos os países ocidentais para comprar petróleo.

Tem-se a impressão, realmente, de que estas máfias em conjunto igualam - e em algumas ocasiões superam - a soma de meios econômicos, legais, militares e de informação da maioria dos países que padecem o flagelo da droga. E, se não se decidir enfrentar o problema seriamente, até aniquilar o comércio ilegal e erradicar a dependência, existe a possibilidade de que, às vésperas do século XXI, os chefes de Estado e os organismos que hoje em dia se mostram relutantes em encarar de frente este problema se encontrem sob o domínio de um novo poder transnacional que não respeita fronteiras geográficas, humanas e morais.

Os traficantes dispõem de mais recursos econômicos que muitos países da Ásia, África e América Latina



Os intermediários obtêm grandes lucros. As possibilidades são o enriquecimento rápido ou a prisão



Em 23 de março de 1990, a Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou que o período que vai de 1991 até o ano 2000 seria a "Década contra o uso indevido das drogas" e aprovou um programa de ação de combate aos tóxicos que abrangia todos os seus aspectos: produção, oferta, tráfico, distribuição, consumo e "lavagem" de dinheiro.

Mais de um *izar* da droga deve ter sorrido em algum luxuoso *bunker* oculto nas selvas colombianas ou no altiplano boliviano. A ambiciosa iniciativa da ONU se somou a outras parecidas, acordadas em encontros de chefes de Estado, reuniões de organismos regionais e convênios bilaterais entre governos. Desde então, muito pouco se avançou na luta antidrogas. Para não dizer nada.

Analisando os fatos, tem-se a impressão de que os poderosos recursos das máfias que controlam o narcotráfico igualam – e em ocasiões superam – a soma de instrumentos legais, preventivos e repressivos da maioria dos países que sofrem este flagelo, seja como produtores ou consumidores.

Em dezembro de 1991, o jornal *El Tiempo*, de Bogotá, citou fontes da justiça e documentos confidenciais que estavam em poder da polícia colombiana, os quais demonstravam que a máfia das dro-

gas tinha conseguido se infiltrar nas altas esferas do governo, da embaixada dos Estados Unidos e da própria Drug Enforcement Ad-

**Dependência de drogas:
um mal que castiga
os cinco continentes**

EUA: a terra prometida

Em 1910, o presidente William Taft afirmou, alarmado: "O abuso da cocaína é, sem dúvida, um hábito americano, o mais ameaçador de todos os vícios de droga que já surgiram neste país." Mais de 80 anos depois desta advertência, o problema se agravou claramente.

"Do ponto de vista dos Estados Unidos, a guerra contra as drogas começa no exterior. Mas, se a medida desta guerra fosse a quantidade de narcóticos que entra no país, Washington fracassou", assegurou o *Financial Times* a princípios de novembro de 1993.

O jornal citava um relatório do Congresso norte-americano que, entre outros aspectos, afirmava: "O fato puro e simples é que, depois de gastar bilhões de dólares no esforço de interceptação da rota do tráfico, entram hoje no país mais heroína e mais cocaína que antes de 1989."

Segundo um relatório do Overseas Development Council (ODC), 18 milhões de norte-americanos fumam habitualmente maconha, cinco milhões consomem cocaína e meio milhão é dependente da heroína. Oliver Ravell, subdiretor executivo do Federal Bureau of Investigations (FBI), afirma que mais de 25 milhões de norte-americanos já provaram cocaína, seis milhões a consomem no mínimo uma vez por mês, três milhões são dependentes e cinco mil pessoas se viciam nela a cada dia.

Por outra parte, a Drug Enforcement Administration (DEA) afirma que o cultivo de maconha nos Estados Unidos dobrou nos últimos anos, inclusive com colheitas em terrenos federais e parques nacionais.

Em 48 estados da União se cultiva maconha (em 11, legalmente). Anualmente, se consomem cerca de 15 mil toneladas desta erva em todo o país.



Em 1982 o "rei" da droga boliviana, Roberto Suárez, se ofereceu para pagar a dívida externa de seu país

ministration (DEA), o organismo encarregado da repressão ao tráfico de drogas nesse país.

"Os narcotraficantes do Cartel de Medellín têm acesso às decisões do Conselho Nacional de Segurança e às mais secretas informações dos principais organismos de governo, assim como da embaixada norte-americana e da DEA; conhecem antecipadamente as decisões tomadas por ministros, funcionários das Relações Exteriores, da Procuradoria Geral da Nação, da Suprema Corte de Justiça, do Exército e da Força Aérea", garantia o periódico.

Com variantes, esta situação se repete em quase todos os países latino-americanos, do México até a Argentina, onde as organizações dedicadas ao tráfico de drogas têm conseguido a cumplicidade de funcionários de governo, juízes, chefes de polícia, altos oficiais das Forças Armadas, operadores financeiros e funcionários de alfândega.

Lucros milionários – Se qualquer um dos mais importantes cartéis internacionais da droga fosse uma empresa legal, certamente figuraria no *ranking* da revista norte-americana *Fortune* entre as 50 maiores corporações do mundo, já que constituem transnacionais economicamente mais poderosas que firmas como a Exxon, Ford, Xerox e IBM e mais fortes que muitos governos da Ásia, África e América Latina.

Calcula-se que só o Cartel de Medellín lucra o equivalente aos laboratórios Ciba-Geigy, da Suíça, ou um pouco menos que a Petrobrás. Estima-se,

As forças policiais e militares conseguem vitórias parciais contra um inimigo mais poderoso

também, que os reis da droga latino-americanos manipulam recursos que ultrapassam a soma do Produto Nacional Bruto (PNB) dos seis países africanos mais pobres.

A revista colombiana *Semana* publicou em sua edição de 13 de abril de 1993 opiniões de três economistas que garantiam que a receita gerada pelo tráfico de cocaína e heroína para os Estados Unidos e a Europa oscilava entre 10 e 43 bilhões de dólares por ano.

James Mills garante em seu livro *O império subterrâneo*: "As drogas não respeitam fronteiras e são vendidas em quase todos os países do mundo. São consumidas por pessoas de todas as raças, estratos sociais e idades. Os habitantes do planeta gastam mais dinheiro em drogas ilegais do que em alimentos, moradia, vestuário, atendimento médico ou qualquer outro produto ou serviço."

Em 1992, um estudo da Organização das Nações Unidas calculou que o volume total de negócios do narcotráfico mundial ascendia a 500 bilhões de dólares, o que equivalia a um sétimo do comércio mundial ou ao dinheiro desembolsado anualmente por todos os países ocidentais para comprar petróleo.

Quando conhecidos traficantes bolivianos e colombianos se ofereceram há alguns anos atrás para pagar a dívida externa de seus respectivos países, não estavam brincando. Em 1982, o *tzar* da coca boliviana, Roberto Suárez (hoje preso), propôs quitar a dívida do país andino, que chegava aos quatro bilhões de dólares, em troca de sua impunidade. Em maio de 1988, o Cartel de Medellín fez uma oferta semelhante ao governo colombiano em troca de que este concedesse uma anistia e anulasse a lei de extradição de traficantes (na época, a dívida externa do país era de 11 bilhões de dólares).

Dos Andes a Manhattan - O National Narcotics Intelligence Consumers Committee (NNICC), considerado a "CIA das drogas" nos Estados Unidos, avalia que cerca de cinco milhões de latino-americanos dependem do cultivo e da exportação da coca.

Os especialistas norte-americanos calculam que cerca de 20% da força de trabalho da Bolívia, estimada em 1,7 milhão de pessoas, vivem da economia clandestina desse cultivo. No Peru, a proporção é semelhante. Na Colômbia, de um total de 11 milhões de habitantes em condições de trabalhar, nove por cento está nas listas de pagamento dos *barões* da cocaína.

A superfície cultivada com coca ao longo da cordilheira dos Andes alcança quase um milhão de hectares nestes três países. Um hectare de coca



Os primeiros traficantes

Os civilizados comerciantes ocidentais foram os que iniciaram no século XIX o narcotráfico em grande escala. O cultivo do ópio tomou grandes proporções na Índia durante a ocupação inglesa. O mesmo ocorreu na chamada "Meia Lua Dourada", formada por Paquistão, Irã e Afeganistão, e no "Triângulo Dourado" do Laos, Birmânia e Camboja.

A poderosa Companhia Britânica da Índia Oriental decidiu aumentar seu lucro mediante uma maquiavélica triangulação entre Inglaterra, Índia e China. O plano comercial consistia em vender produtos ingleses à Índia, que os indianos pagariam com chá da China, adquirido com ópio do Punjab... que os navios britânicos levariam ao porto de Cantão.

O ópio estava proibido na China desde 1729, mas os ingleses o introduziam no território escondido em caixas desal. Em 1823, um incorruptível funcionário chinês, Lin Tsé-Hsu, descobriu a manobra e destruiu no cais de Cantão vinte mil caixas que supostamente continham sal.

Começou então a chamada "Guerra do Ópio", que durou três anos e terminou com a derrota da China. Essa foi, em nome do "livre comércio", a primeira guerra do narcotráfico a nível internacional. Desde então, o Reino Unido ficou com a ilha de Hong Kong, que atualmente é ponte do tráfico de drogas no Oriente e sede de bancos cujos diretores não perguntam muito sobre a origem dos depósitos estrangeiros.

Coca e dólares nos países andinos

HECTARES DEDICADOS AO CULTIVO DA COCA NOS PAÍSES ANDINOS

Bolívia: 200 mil hectares

Colômbia: 250 mil hectares

Peru: 200 mil hectares

DIVISAS QUE INGRESSAM EM CADA UM DESSES PAÍSES PROVENIENTES DO TRAFICO

Bolívia: 600 milhões de dólares

Colômbia: 4 bilhões de dólares
(incluindo a refinação e comercialização)

Peru: 800 milhões -
1 bilhão de dólares

oferece quatro colheitas por ano e lucros de 12 mil dólares, dez vezes mais do que o agricultor obteria com o milho.

O lucro conseguido através da comercialização é ainda maior. No interior da Colômbia, 2,5 kg de pasta de coca custam o equivalente a 700 dólares. Depois de refinados, se transformam em um quilo de cocaína em pó, que custa 6 mil dólares antes de ser embarcado para os Estados Unidos. Ali, seu valor alcança os 250 mil dólares nas ruas de Manhattan ou do Bronx. Não existe nenhum produto no mercado mundial — nem sequer as pedras preciosas da Índia ou da África do Sul ou o petróleo do Golfo Pérsico — que registre um lucro tão alto de seu valor agregado.

Os intermediários também têm lucros consideráveis. Um piloto que leve clandestinamente um carregamento de 50 quilos de cocaína da Colômbia até os Estados Unidos ganha cerca de 250 mil dólares por voo, o suficiente para comprar um apartamento de quarto e sala nas imediações da Quinta Avenida, em Nova Iorque. Um estudante ou desempregado disposto a transportar cem gramas de pó branco da América do Sul para a Europa ganha — além da passagem de ida e volta — cinco mil dólares, o suficiente para seduzir qualquer potencial turista sem dinheiro.

Uma complexa rede — Anos de trabalho clandestino e semiclandestino originaram uma vasta experiência e uma emaranhada rede, praticamente impossível de controlar, que inclui navios, aviões de último modelo, propriedades no campo

e na cidade, pistas de aterrissagem, lojas, bancos, casas de câmbio, empresas imobiliárias e os mais sofisticados sistemas de computação e comunicação.

O complexo universo da droga tem atividades diferenciadas, mas encadeadas: há os camponeses plantadores, os transportadores, os encarregados do refinamento em laboratórios, os capangas responsáveis pela segurança, os distribuidores, os revendedores no atacado e no varejo, os contadores e funcionários administrativos, os *lavadores* de dinheiro, os assessores econômicos e legais, e os advogados de defesa.

Marcos Kaplan, do Instituto de Pesquisas Jurídicas da Universidade Nacional Autônoma do México (Unam), inclui outras categorias a serviço das máfias da droga: jornalistas, escritores e profissionais de ciências sociais e relações públicas. O pesquisador menciona também “políticos, governantes, administradores, funcionários, juizes, policiais e militares, que se envolvem em atividades a serviço do narcotráfico e se beneficiam delas”.

Além disso, afirma Kaplan, é preciso considerar os empregados nas propriedades e empresas legais dos narcotraficantes, ou nas atividades comerciais, industriais e profissionais que satisfazem a demanda de bens e serviços por parte daqueles.

Operações sujas, lucros limpos — Nos anos 20, sob o ineficaz império da chamada *Lei Seca*, que proibia fabricar, transportar e vender bebidas alcoólicas nos Estados Unidos, Al Capone e *Bugs* Morán, dois dos principais gângsters ítalo-norte-ame-

ricanos, começaram a comprar lavanderias em Chicago. Sob a cobertura de um comércio aparentemente honesto, os mafiosos "limpavam" o dinheiro proveniente da venda ilegal de álcool. Daí, o termo "lavagem" de dinheiro.

Nos anos 80, a máfia siciliana se dedicou a montar redes de pizzarias dentro e fora da Itália. Nos anos 90, os gângsters corsos de Marselha incursionaram no mundo das clínicas de cirurgia plástica, onde em geral os milionários pagam à vista pelas melhorias estéticas.

Mas a maior "lavanderia" são as redes bancárias. Em setembro de 1988, o Banco de Crédito e Comércio Internacional (BCCI), a sétima instituição financeira do mundo, com sede em Luxemburgo e filiais em 72 países, se viu envolvida, paradoxalmente, no descrédito internacional. Uma investigação conjunta de agentes norte-americanos, britânicos e franceses – que durante anos se infiltraram em áreas econômicas do narcotráfico – apresentou evidências de que o BCCI tinha "lavado" 32 milhões de dólares provenientes da venda de drogas. Cerca de 90 pessoas vinculadas direta ou indiretamente à instituição foram presas nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Argentina.

O BCCI recebia uma parte dos 32 milhões que deveriam ser "lavados" e a colocava em certificados de depósitos que depois "emprestava" aos narcotraficantes. A própria casa financeira pagava então o empréstimo com os certificados que já possuía. Bancos de oito cidades norte-americanas intervinham na complexa operação, assim como filiais na América do Sul e Europa.

Roberto Bulit, diretor da Federação Interamericana de Casas de Câmbio, declarou em junho do ano passado em Asunción do Paraguai que o negócio do narcotráfico produz lucros tão imensos que, a cada momento, movimenta em todo o mundo entre dois e quatro milhões de dólares.

Convidado pelas casas de câmbio paraguaias para dar uma palestra sobre a "lavagem" de dinheiro procedente do narcotráfico, Bulit garantiu que nenhum país está livre disso, pois "não existe um dólar branco da cocaína e um dólar verde".

Segundo órgãos especializados da ONU, os narcotraficantes devem se desfazer de grandes quantidades de dinheiro em espécie gerados pela droga, num total calculado em milhões de dólares. Ao que parece, isso não lhes custa muito.

Em abril de 1990, o Grupo de Ação Financeira Internacional (Gafi) – uma organização mundial de técnicos de 16 nações, criada pelo grupo dos sete países mais industrializados (G-7) com o objetivo de estudar métodos para combater o narcotráfico – fez revelações em Paris que com certeza fizeram empalidecer os maiores magnatas do mundo: as máfias da droga, especialmente as colombianas, "lavam" uma média de 232 mil dólares por minuto.

Números astronômicos

** Massa monetária que o narcotráfico movimenta anualmente:*

500 bilhões de dólares
(mais do que a indústria de petróleo e pouco menos que a indústria bélica)

** Narcodólares que o sistema financeiro mundial "lava" anualmente e que reinsere na economia legal:*

300 bilhões de dólares

** Produção mundial anual de cocaína:*

400 toneladas (50% se consomem nos Estados Unidos)

** Gastos por consumo de drogas nos Estados Unidos:*

100 milhões de dólares
(mais do que o orçamento anual para a gasolina nesse país durante um ano)

** Preços da droga no mercado norte-americano:*

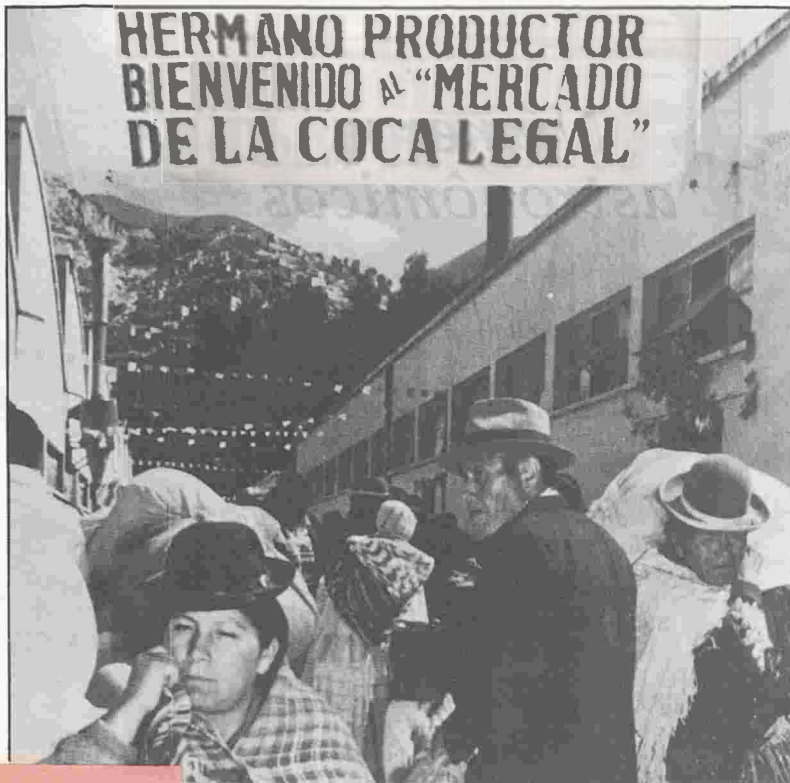
quilo de cocaína (do produtor ao distribuidor) – de 10 a 15 mil dólares

quilo de cocaína no varejo (do distribuidor aos clientes) – de 400 mil a 600 mil dólares

Os sistemas de "lavagem" – São conhecidas diversas formas de "lavar" o dinheiro. Especialistas do Serviço de Alfândegas dos Estados Unidos estabeleceram que, embora variem os métodos, existem três etapas ou ciclos: a colocação, a transferência e a integração.

A colocação é o ato de se desfazer do dinheiro em espécie e transformá-lo em depósitos, ações, valores ou títulos de bancos ou outras instituições financeiras. A transferência é o processo de enviar os fundos de diversas contas através de uma série de transações muito complexas, especialmente

HERMANO PRODUCTOR BIENVENIDO AL "MERCADO DE LA COCA LEGAL"



Ao longo da cordilheira dos Andes, camponeses de três países dependem do cultivo da coca

planejadas para despistar acerca de sua procedência ilegal. A integração é a incorporação do dinheiro já "limpo" a empresas, lojas ou indústrias legais, sem conexão aparente com o mundo da droga.

Existem outras variantes "clássicas", que consistem em dar passos escalonados. Em primeiro lugar, se enviam os fundos a um país seguro, onde exista o sigilo bancário: Suíça, Luxemburgo, os Países Baixos, Hong Kong, as Antilhas Holandesas, Bahamas, as ilhas Caymán ou Panamá.

Ali, um grupo de advogados cria uma corporação fantasma. O dinheiro é depositado em nome da falsa empresa em um banco local, geralmente autorizado a fazer transações com "não-residentes".

Depois, os fundos são transferidos para um banco internacional, grande e "limpo". A inexistente empresa — que tem como garantia seus próprios depósitos — solicita um empréstimo a esse banco e o investe legitimamente no país de origem.

A Suíça lava mais branco — O sociólogo suíço Jean Ziegler, deputado do Partido Socialista por Genebra, especialista em Terceiro Mundo e professor convidado em universidades da Europa e Estados Unidos, é autor de "Saque na África", "Os vivos e a morte", "Uma Suíça acima de qualquer suspeita" e "A Suíça lava mais branco", que desde o seu lançamento em janeiro de 1990 se converteu em um *best-seller*.

O sentido de sua cruzada contra a corrupção pode ser percebido através do resumo de várias entrevistas concedidas a periódicos e revistas da Argentina, Brasil e México. Ziegler garante que escreveu seu último livro "por indignação". Diz que

ficou chocado ao saber que "o crime organizado fatura centenas de bilhões de narcodólares por ano graças ao sangue de jovens que se transformam em viciados".

O sociólogo se sente indignado, além do mais, com o fato de que a Suíça seja o segundo país mais rico do mundo sem possuir uma única matéria-prima: "Toda essa imensa riqueza vem do dinheiro dos outros. Antes, era a fuga de capitais do Terceiro Mundo escudados atrás do sigilo bancário. Hoje, a 'lavagem' de narcodólares converteu a Suíça na primeira praça internacional para este tipo de operação criminosa."

O deputado é extremamente crítico em relação à complacência dos banqueiros de seu país com o dinheiro sujo do narcotráfico e define a Suíça como um "Emirado Helvético", no qual os dólares da droga mudam de identidade sem deixar rastro e reaparecem "respeitáveis" nos mercados imobiliários de Paris e Nova Iorque ou nas bolsas de Tóquio, Londres e Chicago.

"Osnarcotraficantes são uns gênios da organização do crime", analisa Ziegler. "Suas organizações são verticais, verdadeiras multinacionais. Seus cartéis controlam territórios. Infiltram-se em todos os canais da sociedade para destruí-la por dentro. Ninguém está vacinado contra a corrupção provocada pelo tráfico de drogas e os narcodólares."

Além de tudo isso, afirma o sociólogo, é preciso acrescentar a sonegação fiscal, a fuga de capitais e a destruição das instituições que são a base da democracia. "A máfia das drogas destrói tudo e acaba derrubando o que as sociedades e os povos levaram séculos para construir", afirma Ziegler.